

EXPOSIÇÃO DO PROBLEMA DO PARADOXO E DA CONTRADIÇÃO NOS ENSAIOS DE MONTAIGNE

An account on paradox and contradiction's problem in Montaigne's essay

Marcelo Fonseca R. de Oliveira*

Resumo: O artigo apresenta o problema de alguns paradoxos e contradições nos *Ensaio*s de Montaigne. A finalidade é apontar a questão. Em meio a tal, faz-se uma consideração de caráter metodológico, não antes sem propor uma ligeira definição de paradoxo e contradição. A relação entre linguagem e realidade subjaz a questão. Considera-se também, brevemente, o estatuto filosófico da obra de Montaigne. Na conclusão, sugere-se que a problemática é mais propriamente de natureza ontológica do que retórica.

Palavras-chave: Ontologia. Paradoxo. Contradição. Retórica. Metodologia.

Abstract: The paper aims to sketch the paradox and contradiction's problem in Montaigne's Essay. It makes a brief approach on problematic, doing a comment about methodological aspects, not without before quickly define paradox and contradiction. In other step, it makes a comment about the philosophic aspect of Montaigne's work. Concerning the paradox and contradiction's problem, this paper shows that the relationship between language and reality crosses it. It aims to conclude that it is more properly ontological than rhetorical.

Keywords: Ontology. Paradox. Contradiction. Rhetoric. Method.

* Mestrando em Filosofia Moderna pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES. Contato: marceloprof2011@gmail.com

“[...] – uma tal filosofia não pode mais considerar o paradoxo como um simples modo de expressão, como a linguagem fragmentada de uma experiência indivisível; o paradoxo é para ela o afloramento, ao plano da expressão, de uma ruptura do ser”.

Paul Ricoeur, ‘Gabriel Marcel et Karl Jaspers’

Surpreendem, ou, ao menos, chamam a atenção, os inúmeros paradoxos e contradições que se apresentam no decorrer da leitura dos *Ensaio*s¹. No capítulo XV do livro II, por exemplo, já na primeira linha, Montaigne expõe uma constatação metodológica que pode ser identificada em vários outros capítulos: “[A] Não há argumento que não tenha um contrário”². O texto desdobra-se, então, em uma reflexão ética sobre os bens e as virtudes. Esta reflexão apresenta um escopo paradoxal³: “[...] a fruição da vida não nos pode ser realmente agradável se estivermos temendo perdê-la. Entretanto, se poderia dizer, ao contrário, que seguramos e abraçamos esse bem tanto mais estreitamente e com mais afeição quanto menos seguro o vemos ser-nos e quanto mais tememos que nos seja tirado”⁴.

Esta constatação parece enraizar-se em uma concepção de que a contrariedade participa do homem (uma vez que só reconhecemos o bem que a vida é quando estamos prestes a perdê-la. Esta situação antropológica limítrofe, oriunda do convívio dos contrários, gera a irresolução. Ela parece derivar-se da variação dos humores que, por sua vez, causam a inconstância das ações).

Cabe colocar aqui, sucintamente, o que se entende por paradoxo e contradição. O paradoxo é aquela contradição que se relaciona ao sujeito que o enuncia (geralmente auto-referencial), tendo como base o uso do método reflexivo⁵. A contradição, por sua vez, é voltada para o “exterior” e vai além do sujeito enunciatador, possuindo um mesmo objeto (predicado) nas duas proposições⁶.

¹ De fato, a presença de paradoxos e contradições em Montaigne bifurca-se em: a) a presença destes em um mesmo capítulo dos *Ensaio*s e, b) a partir da confrontação de trechos não necessariamente conectados, ou seja, aqueles paradoxos e contradições ‘criados’ pelo intérprete, quando este compara e confronta passagens distantes entre si, que confluem em temática e são lidas por determinada interpretação (ver o problema da ontologia cética abaixo).

² MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad.: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002, II. 15, p.419. A ordem de leitura das referências dos *Ensaio*s é: Livro em algarismo romano, e capítulo em algarismo arábico.

³ Uma ontologia paradoxal em Montaigne choca-se, de início, com a atribuída filiação deste filósofo ao ceticismo. Esta filiação é reconhecida pelo próprio filósofo, e largamente estudada pelos intérpretes. Para a solução de tal impasse, ou seja, de como atribuir uma ontologia a um autor metodologicamente cético, propõe-se: há a possibilidade de ultrapassagem do ceticismo, ou a de assumi-lo, paradoxalmente, como o principal responsável pela instituição da ontologia paradoxal dos *Ensaio*s (pelo método da zétesis e da equipolência). Miernowski enfrentou diretamente essa questão: “[...] Parece, no entanto, que a contrariedade e a contradição, ao lado de seus aspectos lógicos, epistemológicos e éticos, repousam sobre pressupostos ontológicos que o ceticismo clássico, somente, não possibilitou explicar [...]. Para atender aos fundamentos ontológicos do julgamento de Montaigne, é importante recolocar o problema discursivo, epistemológico e moral da contradição em seu contexto metafísico.” (MIERNOWSKI, J. *L’Ontologie de la contradiction sceptique, Pour l’étude de la métaphysique des Essais*. Paris: Honoré Champion, 1998, p.23).

⁴ MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad.: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. II.15, pgs.419-20

⁵ “[...] contradições oriundas do uso do procedimento reflexivo [...]” (ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, P.742).

⁶ “[...] De uma maneira geral, a contradição consiste em afirmar e negar simultaneamente dois termos ou duas proposições que comportam o mesmo sujeito e o mesmo predicado (estando admitido que uma das proposições

Parte da literatura, de tradição analítica⁷, investiga os tipos de paradoxo, seja em perspectiva histórica, seja em suas funções com a proposição. Não faremos uso desta, uma vez que o nosso intuito é introdutório e, também, por nos parecer que o texto de Montaigne dispensa determinadas ferramentas.

Em outro capítulo⁸, o início é uma reflexão sobre a condição humana. Mais uma vez, uma estrutura antropológica contraditória é posta: “[...] Dos prazeres que temos, não há um único isento de alguma mistura de mal e inconveniência [...]. Nossa volúpia extrema tem um certo ar de gemido e de queixa”⁹. Esta forma contraditória enraíza-se em uma onto-anthropologia da precariedade: “A fraqueza de nossa condição faz que as coisas, em sua simplicidade e pureza naturais, não possam tornar-se de uso nosso”¹⁰. Aqui, a frágil condição humana leva à cultura, ou seja, é preciso modificar as coisas naturais para o nosso próprio usufruto. Paradoxalmente, seria a fraqueza humana que engendraria a cultura e a civilização e, não a pretensa soberania da racional natureza humana sobre os demais seres naturais. E, paradoxalmente, a *sagesse* à qual Montaigne aplicou-se em buscar, é justamente a consciência *de cette faiblesse et misère de notre condition*.

Considerando a relação metodológica entre parte e todo, parece necessário um exame inicialmente analítico de cada capítulo, a fim de mapear as contradições e os paradoxos presentes nos mesmos. Partindo disso, mostrar que há uma estrutura que sustente a interpretação dos *Ensaíos* centrada na contradição e no paradoxo. E, ainda, após a demonstração de que essa estrutura pode ser extraída dos *Ensaíos* (é de extrema relevância), partir para o método hermenêutico, considerando os elementos históricos, a princípio das ideais, visando posicionar a obra historicamente (na literatura renascentista do paradoxo, como gênero literário e retórico; ou em relação ao ceticismo, ou mesmo em sua originalidade em relação à tradição, mostrando a sua singularidade inclassificável).

No Livro I, o capítulo *Como choramos e rimos por uma mesma coisa*, já em seu contraditório título, desconcerta o leitor. Montaigne comenta histórias de reis e generais que lamentaram a morte do inimigo e, então, parte para considerações sobre o ser do homem: “[...] Pois, embora na verdade a maioria de nossas ações sejam apenas máscaras e maquilagem, e às vezes possa ser verdade que ‘O

deve ser universal e a outra particular ou indefinida – [...] A contrariedade opõe duas proposições universais – [...] -, ou bem dois termos que se excluem no interior de um mesmo sujeito. [...] Como mostrou Ian Maclean, Montaigne conhecia a diferença entre os contrários e as contradições. [...]” ((MIERNOWSKI, J. *L’Ontologie de la contradiction sceptique, Pour l’étude de la métaphysique des Essais*. Paris: Honoré Champion, 1998, p.16, nota 4).

⁷ Referimos a estudos como os de Roy Sorensen, *A Brief History Of The Paradox – Philosophy And The Labyrinths Of The Mind*, Oxford University Press, 2003, e, *Paradoxes*, de R.M. Sainsbury, Cambridge University Press, 2009. Há inúmeros artigos, teses e monografias sobre o tema, em sua maioria de orientação analítica.

⁸ MONTAIGNE, M. *Os Ensaíos*. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. II.20, p.512.

⁹ MONTAIGNE, M. *Os Ensaíos*. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. II.20, pp. 510-11.

¹⁰ MONTAIGNE, M. *Os Ensaíos*. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. II.20, p.510.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.1	Junho 2014	p.103-111
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	-----------

pranto de um herdeiro é riso sob a máscara’ entretanto ao julgar esses acontecimentos é preciso considerar como nossas almas amiúde se acham agitadas por sentimentos diversos”¹¹.

A diversidade de nossos sentimentos, então, é explicada, na sequência do capítulo, pela diversidade de humores presentes no corpo e que, por sua vez, influem na alma. A solução deste apontamento é, neste capítulo, o perspectivismo:

[A] Embora tenhamos perseguido com vontade resoluta a vingança de uma ofensa e sentido um extraordinário contentamento pela vitória, entretanto choramos. Não é por isso que choramos, nada mudou, mas nossa alma encara a coisa com outros olhos, e representa-a com outra feição, pois cada coisa tem várias perspectivas e vários aspectos¹².

O fato não se altera, mas sim, a nossa representação do mesmo, uma vez que a alma, faculdade representativa, está em movimento. O conhecimento e a verdade assumem, assim, uma vinculação necessária com o sujeito epistemológico¹³, mostrando então a dificuldade de se estabelecer conhecimento estável e único dos objetos.

Identificamos, dentre inúmeros outros, mais um paradoxo no Livro III, capítulo 5, *Sobre os Versos de Virgílio*. Não relacionado diretamente ao tema ontológico, ele corrobora, no entanto, nossa hipótese de que há uma estrutura paradoxal nos *Ensaio*s e que esta possui um fundamento ontológico. Como um filósofo que apresenta em sua obra uma série de citações, compondo um legítimo mosaico, afirma que: “Quando escrevo, dispense a companhia e a recordação dos livros, de medo que eles interrompam minha forma. E também porque, na verdade, os bons autores humilham-me demais e abatem meu ânimo”¹⁴. Esta passagem é extraída de um capítulo cujo título e tema, mesmo que disperso em meio a digressões de caráter moral e literário, é o comentário a um poeta latino¹⁵.

A partir destes exemplos, propomos as seguintes perguntas: Haveria uma função, então, na série de paradoxos e contradições que o texto dos *Ensaio*s nos apresenta? Há a possibilidade de extrair dos *Ensaio*s um sentido maior, uma unicidade filosófica, mas não sistemática, que tenha como embasamento uma posição centrada nestas formas de linguagem¹⁶? Há em Montaigne um pressuposto,

¹¹ MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. I. 38, pgs. 349-50.

¹² MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. I.38, p.352.

¹³ A fundamentação do conhecimento e da verdade no sujeito, como se sabe, é uma das marcas fundamentais da filosofia moderna. Este giro epistemológico parece ter se iniciado em Montaigne.

¹⁴ MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. III.5, p.134.

¹⁵ EVA (2007) comentou e desdobrou largamente uma série de paradoxos presentes na obra de Montaigne como, por exemplo, o de um autor reconhecidamente cético atestar e concluir afirmativamente sobre questões morais e epistemológicas. No entanto, este paradoxo, por exemplo, só constitui-se enquanto tal quando atribuímos a Montaigne a vinculação ao ceticismo, ou seja, quando limitamos a leitura dos *Ensaio*s à escola cética. Aqui não é o lugar para mostrar, mas sugerimos que parece haver um sentido e uma função nos paradoxos em Montaigne para além do ceticismo (a leitura ‘além’ do ceticismo é feita por SÈVE, 2007).

¹⁶ Miernowski chega nesta conclusão, partindo dela em sua tese sobre a contradição cética: “[...] Da ontologia e da moral à retórica, nossa condição é determinada pela oposição, pela resistência e pela contradição. [...]”

a saber, de que os homens e as coisas estejam em movimento perene, e que este movimento engendra o conhecimento parco, limitado, contraditório e paradoxal (porque em movimento) de si, dos outros e das coisas? Há em Montaigne algum pressuposto substancialista¹⁷, ou que, mesmo de forma natural e imanente, baseie-se em um entendimento essencial e ontológico da natureza humana e das coisas? Seria o paradoxo ultrapassável e o seu problema solucionável, na medida da identificação de razões que justifiquem a sua presença nos *Ensaio*s¹⁸?

Façamos então uma nova incursão ao texto de Montaigne no rastreamento de novas pistas. De fato, identificamos que Montaigne apresenta uma permanência nesta série de mudanças¹⁹:

E assim, como em nossos corpos dizem que há uma reunião de diferentes humores, cujo senhor é o que comanda mais habitualmente em nós, segundo nosso temperamento, também em nossas almas, embora haja diversos movimentos que a agitam, no entanto é preciso que haja um que domine o campo²⁰.

No último capítulo de sua obra: “[...] [C] Todas as coisas ligam-se por alguma semelhança, todo exemplo é claudicante, e a relação que se obtém da experiência é sempre falha e imperfeita; no entanto julgamos por algum ângulo as comparações”²¹. As distintas temáticas dos dois capítulos se complementam entre si. No *Da Experiência*, a ontologia tem como conteúdo uma filosofia das leis, tanto naturais quanto humanas. Um paradoxo surge a partir da crítica ao conhecimento das leis neste capítulo: como um filósofo que é reconhecido como naturalista, que funda o conhecimento na experiência e nos sentidos (ou que funda a crítica do conhecimento na experiência), coloca em xeque as leis naturais? É possível, portanto, para Montaigne, algum tipo de conhecimento?

E então, considerando Montaigne como filósofo, finalizam-se estes breves apontamentos. É provável que haja tradições na filosofia que não considerem Montaigne como propriamente um

(MIERNOWSKI, J. *L'Ontologie de la contradiction sceptique, Pour l'étude de la métaphysique des Essais*. Paris: Honoré Champion, 1998, p.15).

¹⁷ “Brevemente, toda coisa viva, o homem em primazia, nasce e morre, então passa. Em nada satisfaz a característica exigência da *ousia*, de subsistir igual a si próprio (<... não se poderá identificar uma substância mortal duas vezes em um mesmo estado>. Ou, como, desde Aristóteles, a *episteme* toma toda a função e o desenvolvimento do *to on*. Aquilo que não pode se fazer *ousia* não pode pretender-se ente. Ente, mas não como uma substância, o homem não é, pois <... se ele não é um e o mesmo, ele então não é>. [...]” (MARION, J-L. “Qui Suis-Je Pour Ne Pas Dire Ego Sum, Ego Existo?”; *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie*, Paris, PUF, 2004, pgs. 229-266 e p.231). Neste denso artigo, Jean Luc-Marion problematiza até mesmo o conhecimento de si na obra de Montaigne.

¹⁸ E pensamos aqui na solução fenomenista ou pirronista. Elas foram desenvolvidas respectivamente por STAROBINSKI (1993) e CONCHE (1996). O fenomenismo não coloca em questão o ser e a essência das coisas. Basicamente, para esta posição filosófica, o ser e a essência das coisas não são conhecíveis, mas estão lá, sustentando as aparências. O pirronismo coloca em questão o ser das coisas, afirmando a aparência como realidade exclusiva.

¹⁹ Propomos a mesma posição de PATRICK, em seu artigo de 1992.

²⁰ MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. I.38, p.350.

²¹ MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. III.13, p.430.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.1	Junho 2014	p.103-111
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	-----------

filósofo²². Reflete-se que é preciso desfazer-se desta agressão teórica. Reconhece-se em Montaigne sincero e autêntico compromisso filosófico com o conhecimento do ser e, em especial, da verdade: “Seja como for, talvez me contradiga; mas, como dizia Dêmades, não contradigo a verdade”²³. A linguagem não atinge a Verdade, mas isto não significa que ela não tenha uma relação e um compromisso com a mesma (mesmo sendo este o compromisso com o sujeito portador da linguagem, ou seja, da linguagem consigo mesma, e a relação com a Verdade, uma relação indireta e negativa). Apesar daqueles que sugeriram uma vinculação sofisticada (górgiana e protagórica) a Montaigne, em detrimento da filosófica (pela sua temática central ser a antropologia e a moral²⁴, pela sua negação do conhecimento do ser divino, pela eloquência e exacerbação um tanto quanto prolixa e irônica do discurso, pela ruptura entre discurso e realidade), ainda assim ele permanece filósofo, no sentido mais comprometido do termo “[...] a verdade é algo tão grande que não devemos desdenhar nenhum recurso que nos conduz a ela”²⁵. Como dito por Sponville:

Por mais cético que fosse, Montaigne nunca deixou, não tanto de buscar a verdade, mas de se submeter a ela e de amá-la, lá onde ele a encontrava e, mesmo, é esse o espírito do ceticismo, lá onde ele não a encontrava. [...] Trata-se de amar a verdade, ainda que em sua ausência, e de se submeter a ela uma vez que ela aparece ou parece aparecer: [...] e isso, insiste Montaigne, tanto no caso em que ela nos prejudica quanto no que ela nos serve (III, 5, p.150). A verdade está acima dos amores próprios²⁶.

A passagem de Demandes, onde Montaigne diz não contradizer a Verdade, harmoniza diretamente com esta citação de Sponville. Paradoxalmente, mesmo sem encontrar a Verdade, Montaigne postou-se diante dela. Paradoxalmente, ainda segundo Sponville, ela está acima dos amores próprios, atribuindo esta conclusão a um autor que é historicamente reconhecido como tendo (até excessivamente) falado reflexivamente de si (em outros campos teóricos, como o fundador moderno do relato autobiográfico).

Quando Montaigne sugere que julgamos a experiência por um viés por sua vez falho, ou seja, que o conhecimento da mesma é sempre limitado ao sujeito, o problema de fundo parece ser a relação entre realidade e linguagem. O conhecimento das coisas é mediado pela linguagem. A dimensão retórica da obra de Montaigne é considerável. Mas muitos momentos não condizem com a leitura que a reduz a este campo. Reduzi-la exclusivamente à retórica parece não levar em conta a via ontológica,

²² Ver: TOURNON, A. <Action imparfaite de sa propre essence...>, *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie*, Paris, PUF, 2004, p.35.

²³MONTAIGNE, M. *Os Ensaios*. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002, III.2, p.28.

²⁴ Mesmo que, para alguns intérpretes, esta reflexão moral é, paradoxalmente, impossibilitada pela própria escrita dos *Ensaios*, como nos mostra Birchall ao comentar Brahami: “[...] A variação e a fragmentação do indivíduo retornam sempre e o movimento jamais dá lugar a um “ser” para além da “passagem”. As contradições são insolúveis. A experiência de si é um vazio ou, antes, um fluxo de experiências que não podem ser generalizadas, o que impede a construção de uma filosofia moral.” (BIRCHALL, T. *O eu nos Ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p.163).

²⁵MONTAIGNE, M. *Os Ensaios*. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. III, 13

²⁶COMTE-SPONVILLE, André. *Não sou filósofo, (Je ne suis pas philosophe)*. Traduzido por Marco Aurélio Sousa Alves (circulação interna do Dep. Filosofia da UFMG) – Revisto por Telma Birchall.

que vai da linguagem ao mundo²⁷. Parece haver em Montaigne um compromisso em descrever e conhecer a realidade, ou seja, de conhecer as coisas e os homens como eles são em si mesmos (a importância das categorias de *contingence*, *différence*, e *dissemblance* mostram a pertinência desta hipótese ultra subjetiva²⁸ de Montaigne)²⁹. Há um problema de fundo, que é reconhecido, mas não desenvolvido aqui: como conciliar ontologia e retórica? Há algum tipo de relação entre estas duas áreas filosóficas?

Este compromisso com as coisas e com a condição humana (ontológico, portanto) reflete-se na escrita. Obtém na escrita, ou seja, no ato de reflexão, o seu sentido. Sendo o movimento a lei inquestionável que rege o real, a escrita refletirá sinuosamente este movimento, apresentando incoerências inseridas em um fluxo aparentemente prolixo (talvez, então, a partir disso, a qualidade mais retórica que lógica da linguagem montaigneana). E, parece que, mesmo paradoxal e contraditória, esta escrita é o reflexo fiel do objeto ao qual ela relaciona-se, a vida. Discorda-se, portanto, daquelas interpretações que vêm os paradoxos presentes nos *Ensaio*s como exclusiva função retórica e jogo linguístico (sem nenhuma espécie de comprometimento com o seu objeto) propondo a possibilidade de uma ontologia em sua obra. Concordamos, então, com a posição de Gontier sobre a postura filosófica de Montaigne, em seu diálogo com A. Glauser³⁰:

Essa perspectiva é recusada aqui, e este estudo apoia-se sobre o postulado da seriedade filosófica do discurso de Montaigne, até e inclusive o paradoxo. Nessa leitura, o paradoxo não é mais compreendido como uma simples tagarelice

²⁷ Levando em conta a determinação do espaço geográfico (que razoavelmente nos conduz a nos dirigirmos a quem está mais próximo), e a natureza dialética da obra sobre a qual nos debruçamos, propomos um diálogo com JULIO PIMENTA (2009) sobre esta questão. Este autor desenvolve o tema de que o paradoxo é não só um recurso ‘estilístico’ para Montaigne, mas a fidedigna forma de representação da realidade e dos homens: “Expor a falência de qualquer tentativa de dar conta do homem como ser fixo, no qual regeria a proporção, parece ser o ponto de Montaigne, que assinala a multiplicidade de possibilidades que habita tanto nos homens, quanto nas demais coisas na natureza. O homem seria então este ser, com sentimentos díspares, que se complementam, e que fazem dele o que ele é [...]” (PIMENTA, J. A. P. “A Escrita do Paradoxo em Montaigne”, *Kínesis*, São Paulo: unesp, vol. I, nº 02, p. 144-159, Outubro de 2009, p.150).

²⁸ Chamamos de ultra-subjetiva, pois, uma vez que, reconhecidamente, os *Ensaio*s são uma obra que trata sobre o seu autor, no entanto, ressaltamos as inúmeras partes onde este mesmo autor refere-se a outros homens e mesmo ao mundo e à realidade.

²⁹ Este é nosso ponto crítico em relação ao diálogo entre CARRAUD e LUC-MARION. CARRAUD propõe que Montaigne funda tanto um Metafísica quanto uma Física do Eu. MARION, por sua vez, interpreta os *Ensaio*s à luz da problemática do Eu: “Assim, o ponto de partida impõe, já, um paradoxo: a <metafísica>, não podendo mais atender nem ao verdadeiro ente, nem ao ser, deve se limitar a considerar o <eu> - mas o <eu> tomado precisamente fora do ser. No entanto, aquilo que, propriamente falando, não é, pode ainda sustentar uma <metafísica> (para não dizer uma <física>)? Como o <eu> poderá, ao mesmo tempo, se doar para que se possa estudá-lo exatamente, e se manifestar, portanto, como justamente estando <fora do ser>? Esse paradoxo, Montaigne genialmente o assume. [...]” (LUC-MARION, MARION, J-L. “Qui Suis-Je Pour Ne Pas Dire Ego Sum, Ego Existo?”; *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie*, Paris, PUF, 2004, p.233). Ambas os intérpretes reduzem, portanto, os *Ensaio*s à questão da subjetividade (mesmo que, e paradoxalmente, esta *ipseidade* seja, epistêmica e ontologicamente, problemática). De qualquer forma, mais uma vez colocamos que, talvez, a interpretação subjetiva não seja exclusivamente a mais pertinente. No entanto, não é possível deixar de reconhecer a singularidade desta obra que inaugura a filosofia moderna.

³⁰ GLAUSER, em seu “Montaigne Paradoxal” (Paris, Nizet, 1972), afirma, como tese central, que o paradoxo em Montaigne não tem outro fim que nele mesmo, sendo assim um puro jogo de espírito (in, GONTIER, T. *De L’Homme À L’Animal: Paradoxes sur le nature des animaux Montaigne et Descartes*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1998. p.43).

(bavardage), uma retórica sem objeto ou um exercício literário, mas sim como recebendo um sentido positivo e filosófico³¹.

Esta relevância e prioridade ontológica que ressaltamos, por sua vez, está enraizada numa densa e definida, mas não sofisticada e técnica, teoria sobre o que seja a própria realidade³². Na passagem da nota 36, passagem que encerra o Livro II, Montaigne, após refletir em um longo capítulo sobre as semelhanças entre filhos e pais (inclusive com momentos de intuição que atingem algumas conclusões fundamentais da genética); conclui constatando a diferença como regra universal da realidade humana. No entanto, esta constatação é válida também para o mundo natural e das coisas³³. E também, e em larga medida, encontramos as autocontradições ou paradoxos quando o próprio autor acaba se contradizendo e afirmando qualidades contrárias de si mesmo (paradoxo auto referencial)³⁴.

São estes os três níveis (eu, outro e natureza) que configuram o problema ontológico em Montaigne. Que os dois primeiros níveis estejam em relação com o sujeito que escreve os *Ensaio*s é evidente. Porém, este sujeito que escreve uma teoria sobre o que sejam os homens, as coisas e ele mesmo, parece apontar para uma ‘unicidade’ sobre o que o rodeia. Haveria a probabilidade de mapear esta ‘unicidade’ para além do próprio sujeito do texto, sendo que, para tal, é preciso lidar com as inevitáveis sinuosidades e dispersões dos trechos. Haveria então um sentido filosófico na presença dos tortuosos raciocínios de Montaigne, uma vez que são eles derivados da observação da experiência humana e da esfera natural.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BIRCHAL, T. *O eu nos Ensaio*s de Montaigne. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

³¹ GONTIER, T. GONTIER, T. *De L’Homme À L’Animal: Paradoxes sur le nature des animaux Montaigne et Descartes*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1998, p.42.

³² “[...] Estou tão longe de exasperar-me ao ver a discordância entre meus julgamentos e os de outrem e de tornar-me incompatível com a sociedade dos homens por serem de outro parecer e partido que não os meus que, ao contrário, como a forma mais geral que a natureza seguiu foi a variedade – [C] e mais nos espíritos que nos corpos, pois aqueles são de substância mais flexível e passível de mais formas - , [A] acho muito mais raro ver convergirem nossos humores e nossas intenções. E nunca houve no mundo duas opiniões iguais, não mais do que dois pêlos ou dois grãos. Sua qualidade mais universal é a diversidade.” MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002, II. 37, p.678). Notar que, neste trecho, o caminho do argumento vai do sujeito Montaigne ao Mundo (indutivo, portanto).

³³ Mais uma vez, quando Montaigne refere-se ao movimento externo e atesta qualidades contrárias em uma mesma substância, ele está propriamente na esfera da contradição. O exemplo que se segue diz da condição e do âmbito humano, sendo este, de fato, mas não exclusivamente, o foco dos *Ensaio*s: “[A] Aquele que ontem vistes tão aventureiro, não estranheis vê-lo igualmente poltrão no dia seguinte: ou a cólera, ou a necessidade, ou a companhia, ou o vinho, ou o som de uma trombeta lhe havia posto ânimo no ventre [...]” (MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. II.1, p.9). Reparar que esta susceptibilidade natural é a marca da fragilidade humana, sinônimos da precária condição onto-antropológica.

³⁴ “[...] Era uma ordem paradoxal a que nos dava antigamente aquele deus em Delfos: ‘Olhai dentro de vós, reconhecei-vos’, [...] És o perscrutador sem conhecimento, o magistrado sem jurisdição e por fim o bobo da farsa.” (MONTAIGNE, M. *Os Ensaio*s. Trad: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. III. 9, p.325). Aqui o paradoxo é auto-referente: conhecido como o ‘Sócrates francês’, nosso filósofo atesta a tarefa paradoxal do mote que o levou a redigir toda a sua obra: o conhecimento de si próprio. Montaigne afirma, em diversos trechos, estar mergulhado nesta busca de si.

- “Sobre Auerbach e Montaigne: A Pertinência da Categoria de Mímesis para a Compreensão dos Ensaios”. In: org. DUARTE, R e FIGUEIREDO, V. *Mímesis e Expressão*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- CARRAUD, V. De L’Expérience : “Montaigne et La Métaphysique” ; In : CARRAUD, V et MARION, J-L. *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie*, Paris : PUF, 2004.
- COMTE-SPONVILLE, A. “Não sou filósofo, (Je ne suis pas philosophe) ”. Traduzido por Marco Aurélio Sousa Alves (circulação interna do Dep. Filosofia da UFMG) – Revisto por Telma Birchal.
- CONCHE, M. *Montaigne et la philosophie*. Paris: PUF, 1996.
- EVA, L. *A Figura Do Filósofo: Ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GONTIER, T. *De L’Homme À L’Animal: Paradoxes sur le nature des animaux Montaigne et Descartes*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1998.
- MARION, J-L. “Qui Suis-Je Pour Ne Pas Dire Ego Sum, Ego Existo?”; *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie*, sous la direction de V. Carraud et J.-L.Marion, Épipiméthée, PUF, 2004, pgs.229-266.
- MIERNOWSKI, J. *L’Ontologie de la contradiction sceptique, Pour l’étude de la métaphysique des Essais*. Paris: Honoré Champion, 1998.
- MONTAIGNE, M. *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PATRICK, H. “Montaigne and Heraclitus: Pattern and Flux, Continuity and Change in ‘Du repentir’”. *Montaigne Studies*. University of Chicago: vol. IV, no. 1-2., September 1992.
- PIMENTA, J. A. P. “A Escrita do Paradoxo em Montaigne”. *Kínesis*. São Paulo: unesp, vol. I nº 02, p. 144-159, Outubro de 2009.
- SÈVE, B. *Montaigne Des règles pour l’esprit*. Paris : PUF, 2007.
- STAROBINSKI, J. *Montaigne Em Movimento*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- TOURNON, A. <Action imparfaite de sa propre essence...>, *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie*, sous la direction de V. Carraud et J.-L.Marion, Épipiméthée, PUF, 2004, pgs. 33-49.

Recebido em: 06/12/2014

Aprovado para publicação em: 29/03/2014